

A escrita da história em Svetlana Aleksievitch: jornalismo literário e testemunho diante de catástrofes soviéticas¹

Jéssica Paula Silva Lima²

Rogério Pereira Borges³

Universidade Federal de Goiás – UFG

Resumo

Nessa pesquisa, propomos a análise da obra da jornalista e ganhadora do prêmio Nobel de Literatura, Svetlana Aleksievitch para a identificação da escrita de uma “história a contrapelo”, por meio da escuta de testemunhos frente aos regimes autoritários. Além disso, a investigação do papel do testemunho na elaboração do trauma e da memória coletiva diante de catástrofes. Como referencial, adotou-se três obras da jornalista ucraniana: A Guerra não tem rosto de mulher (2016), Vozes de Tchernobil (2016) e O fim do homem soviético (2016). Nesse sentido, mobilizaremos teóricos da disciplina do Jornalismo Literário, adotando-se essa narrativa como instrumento capaz de apurar, resgatar e compreender o acontecimento (MARTINEZ, 2014).

Palavra-chave: regimes autoritários; memória; trauma; testemunho; jornalismo literário.

Introdução

Com a emergência de regimes autoritários, entrelaçados aos discursos totalizantes, ganham força os mecanismos de silenciamento que, utilizados como aparato para discursos políticos e econômicos na história, condicionam os processos de construção de memória acerca dos eventos socialmente vivenciados.

Diante disso, propomos a análise da escrita da jornalista e ganhadora do Nobel de Literatura em 2015, Svetlana Aleksievitch, considerada por muitos como uma “narradora de catástrofes”. Nesse sentido, a autora que nasce na Ucrânia no final da década de 40 e cresce na Bielorrússia no pós-guerra, escolhe trabalhar como uma historiadora da alma (ALEKSIÉVITCH, 2016).

Ainda nesse sentido, diante da meticulosidade de sua pesquisa que costuma levar quase uma década para cada livro, segundo a própria autora, e pela prática da escuta de

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação, docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás - UFG. E-mail: jessicapaulasilima@gmail.com.

³ Pós-doutor em Comunicação e docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás - UFG. E-mail: rogeriopereiraborges@hotmail.com.

pessoas que viveram no centro dos conflitos, seja o *front* da guerra, os destroços de um acidente nuclear ou a desintegração do regime na União Soviética, obtemos uma narrativa apurada, ainda que à margem da historiografia oficial.

Referencial teórico

Por meio da análise da escrita da jornalista ucraniana, pretendemos trabalhar com eixos de pesquisa em torno da proposta do Jornalismo Literário como método em oposição aos silenciamentos e ocultamentos institucionalizados.

Nesse íterim, propomos a análise de três de suas obras publicadas, sendo elas: *A Guerra não tem rosto de mulher* (2016), *Vozes de Tchernobil* (2016) e *O fim do homem soviético* (2016). Apesar da recente publicação no Brasil, as obras foram lançadas originalmente em 1985, 1997 e 2013, respectivamente.

No primeiro, encontra-se a escrita sobre a atuação direta de mulheres soviéticas na Segunda Guerra Mundial e o impacto do discurso stalinista no pós-guerra. No segundo, vítimas diretas e indiretas do desastre nuclear de Tchernobil rememoram os efeitos das políticas e ações estatais diante do evento. Por fim, a autora relaciona o impacto coletivo e individual a partir do colapso do regime soviético, dimensões em geral, negligenciadas.

Para o interesse da pesquisa, é mister relacionarmos o proposto por Bak e Martinez (2018) no que tange as possibilidades do Jornalismo Literário. Ademais, é válida a aproximação com autores como Lima (2018), que conecta essa narrativa ao propósito de oferecer uma compreensão da realidade.

Assim, assumindo que o jornalista literário ultrapassa a camada superficial do real (MARTINEZ, 2014), propomos a reflexão sobre a escrita de Aléksievitch. Ao escrever sobre o “mundo dos eventos” para além da eclosão de uma catástrofe, a jornalista rompe com compreensões históricas previamente estabelecidas (CAMPOS LUCENA, 2020).

A partir de Aleksiévitch, é fundamental recorrermos aos referenciais em literatura pós-ditatorial e aos estudos em narrativas, memória e representificação. Segundo Richard (1999), diante do trauma coletivo, são abundantes os dispositivos e técnicas do esquecimento.

A partir da narração, as fontes da autora processam os acontecimentos e oferecem um retrato das dinâmicas do autoritarismo que pairavam sobre o cotidiano. Para Ginzburg (2012), “a civilização ocidental procurou, de modo ambivalente, enquanto sustentava e

incentivava práticas da violência, criar condições para o silenciamento a respeito de seus agentes” (GINZBURG, 2012, p. 222).

Conclusão

Portanto, faz-se necessária uma revisão teórica para os fins da presente pesquisa. É preciso “uma história a contrapelo” (KANGUSSU, 2021, p.104). Diante do risco das ações da política do esquecimento (GINZBURG, 2012) é vital o estabelecimento de narrativas contra-hegemônicas, aqui representadas a partir da obra de Svetlana Aleksievitch. A autora cresce ouvindo o discurso dos “filhos dos vencedores” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.9), todavia, focaliza narrativas para além do que se vê.

Referências bibliográficas

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. A guerra não tem rosto de mulher. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. O fim do homem soviético. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. Vozes de Tchernóbil: crônica do futuro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c.

BAK, John S.; MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário como disciplina. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v.14, n.3, p. 620-627, 2018. DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1163. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1163>. Acesso em: 7 jun. 2025.

CAMPOS LUCENA, J. Vozes da memória: a supraliteratura de Svetlana Aleksievitch. **Cadernos do IL**. [S. l.], n.60, p. 156-174, 2020. DOI: 10.22456/2236-6385.101081. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/101081>. Acesso em: 7 jun. 2025.

GINZBURG, Jaime. Crítica em tempos de violência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

KANGUSSU, Imaculada. Sobre o conceito de história: outras narrativas são precisas. In: FREITAS, Romero; GUIMARÃES, Bruno Almeida; KANGUSSU, Imaculada; RANGEL, Marcelo de Mello (orgs). **Hoje, Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo literário e comunicação transformativa: proposta de alinhamento da nova disciplina com as tendências crescentes da prática de uma comunicação transformativa no campo social e do desenvolvimento humano. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v.14, n.3, p.840-861, 2018. DOI:10.25200/BJR.v14n3.2018.1131. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1131>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MARTINEZ, Monica. O jornalista-autor em ambientes digitais: A produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v.9, n.1, p.

56-77, 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/197>. Acesso em: 11 jun. 2025.

RICHARD, Nelly. Políticas da memória e técnicas do esquecimento. *In*: MIRANDA, Wander (org.). **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.321-338.